



Peregrinação de Fevereiro, 13

Depois de tantas semanas de chuva, frio, vento, geada e neve, — pois até a neve caiu com abundância na serra de Aire pela primeira vez há dezenas de anos — os dias doze e treze de Fevereiro último apresentaram-se serenos, desanuviados, e aquecidos pelo sol, como se fossem verdadeiros dias de primavera.

De-certo por esse motivo o número de fiéis que acorreram ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima foi maior que no mês anterior, elevando-se porventura ao dôbro.

A grande maioria dos peregrinos, que pertenciam às classes populares, provinha das povoações menos distantes, sobretudo das povoações rurais. Duas raparigas tinham vindo a pé do Pôrto.

Os sacerdotes, a-pesar-de serem bastante numerosos, por ter apenas começado o santo tempo da Quaresma, em que o serviço de confissões geralmente ainda não é intenso, não conseguiram atender no tribunal da penitência todas as pessoas que desejavam purificar a sua alma para receber a sagrada comunhão.

Os actos religiosos oficiais realizaram-se na forma costumada.

(Continua na 2.ª página)

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

Meditando na guerra

Famílias mutiladas...

Famílias numerosas...

Soa a hora da mobilização. Perante a ameaça dum inimigo forte e numeroso, a voz da Pátria brada a unir fileiras, e, levada pela rapidez das ondas herzianas, chega, prestes, a todos os recantos da Nação.

Forte, triste, frenética, penetra em todos os lares a pedir homens, para servir a Pátria e braços para a defender.

Corre as cidades.

Aqui é o palácio dum rico, vistoso, impetuoso. Há-de ali haver, certamente, muitas vidas prontas e, mais do que isso, ansiosas por se sacrificarem pelo bem da Pátria, em perigo. Entra célere, corre veloz por toda a casa, mas encontra apenas dois poltrões — marido e mulher — regalando-se em repastos exquisitos e delicados, gozando egoística e materialmente a vida.

— *A Pátria está em perigo e chama os vossos filhos às fileiras!*

— *Não temos filhos. Nunca estivemos para essas massadas. Os pobres que não têm outra felicidade, é que devem ter dessa gente. A nós, para sermos felizes, basta-nos a nossa riqueza.*

A voz da Pátria enganara-se. Aquela família que a vida e a felicidade poderia ter dado a tantos seres, secara criminosamente a fonte da vida. E sai indignada, desiludida.

Agora é a casa dum operário. Defensor acérrimo do proletariado, deve ter, por certo, muita prole, muitos filhos capazes de valerem à Pátria em aflição.

— *A Pátria está em perigo e chama os vossos filhos às fileiras.*

— *Não temos filhos. Os filhos são bons para os ricos que têm com que os sustentar. Queremos viver desafogadamente.*

Mais um desengano. Aquela família que, na velhice, precisará de alguém que a sustente e proteja, prefere suicidar-se assim, tão egoística e perversamente. E se um dia vier a precisar de auxílio, lá estão os cofres do Estado — a quem ela agora nega o mais precioso dos contri-

butos, para a socorrer, nas casas de assistência e asilo.

Triste, desiludida, a voz da Pátria, deixa a cidade e corre, aflitiva, aos campos. Já entre casas, grita pelas ruas.

— *Patriotas, a Pátria está em perigo, e chama-vos às fileiras.*

E não aparece viva alma. Não era uma aldeia; era uma necrópole. As casas que ali havia, foram outrora uma povoação. Mas por os seus habitantes não quererem berços em casa, tudo ficou dentro em breve ao desprezo e ao abandono.

Mas a voz da Pátria, continua a sua missão. Outra aldeia.

— *Patriotas, a Pátria, em perigo, chama-vos às fileiras.*

Ao ouvir este brado, os habitantes acordam espantados, mas logo voltam à normalidade, dormindo o sono dos indiferentes. E que ali não há patriotas. São estrangeiros sugadores que ali estabeleceram uma colónia, por não haver nacionais que tomassem conta daquelas terras.

E a voz da Pátria, ao fim de tantos desenganos e ilusões, suspendeu o seu brado de unir fileiras, para, cheia de indignação, clamar bem alto:

Famílias malditas! A Pátria contava com os vossos filhos e atraioastes as suas esperanças. A Árvore da Vida havia sido plantada nos vossos lares e secaste-la criminosamente e cobardemente. Não sois famílias, sois antes túmulos de podridão, cemitérios de almas e de corpos. As maldições de Deus e da Pátria não-de pesar eternamente sobre vós. Sede mil vezes malditas!...

Agora a contrastar, um caso, mas um caso real, contado, há dias, nos jornais.

Nas fileiras francesas — coisa sem igual em qualquer dos exércitos em luta — combatem arduamente pela Pátria oito filhos da mesma família. São os filhos do dr. Gabriel Bidou, médico católico, altamente colocado na

(Continua na 2.ª pág.)

Lírio entre abrolhos

«Como o perfume das flores, o aroma da virtude irradia e prende».

É à fonte duma piedade sólida que a mulher deve ir buscar o segredo de eficazmente exercer a sua doce soberania como rainha do lar. Rainha do lar! Título belo que toda a mulher devia desjar possuir verdadeiramente, e não apenas como um título honorífico que não corresponde à realidade e que até muitas vezes representa uma bem amarga ironia.

Mas para isso é preciso que ela saiba conquistar essa soberania, mantê-la sem ostentações, exercê-la tão suave e docemente que o seu benéfico jugo seja amado e desejado por todos os que a rodeiam. Trabalho delicado e difícil sem dúvida, mas possível quando se possui, repito, uma piedade profunda, verdadeira e simpática.

Piedade profunda e verdadeira aquela que não se fica na superficialidade de fórmulas que os lábios recitam e que o coração não sente, ou no exercício de algumas práticas exteriores em que a alma está ausente, mas aquela que se fundamenta no conhecimento e amor da doutrina de Cristo, no conhecimento esclarecido e inteligente do catecismo cujas lições aplicamos à nossa vida de todos os momentos. Piedade profunda e viva aquela que vai buscar à consciente e devota recepção dos Sacramentos a

seiva vivificante da alma, a força para todas as provações da vida, e que há-de animar todas as nossas acções; aquela que tem por ideal o cumprimento da vontade do Senhor.

Piedade simpática também.

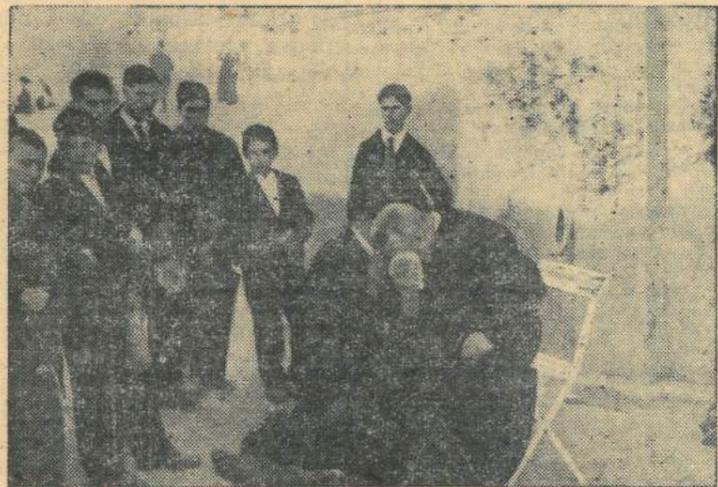
Algumas pessoas há que se afastam e não amam a religião pelo aspecto pouco agradável de que muitas pessoas piedosas se revestem. Não é muitas vezes o exterior aparentemente austero que corresponde à verdadeira mortificação. Revela mais virtude do que um aspecto mortificado e triste a alegria e boa disposição com que por caridade para com os que nos rodeiam, se encobre o sofrimento interior.

Uma piedade assim alegre e simpática fatalmente atrai as almas e as dispõe a bem receber as benéficas sugestões que por ventura desejarmos insuflar-lhes.

Solteira ainda quanto bem a rapariga pode fazer junto de seus irmãos. Amor de irmãos! Quem não conhece este doce afecto que suavemente nos acalenta o coração como um lindo sol de primavera nos anos inesquecíveis da nossa juventude! Amor sem tempestades e sem traições que nos seja fortemente e nos prende ao lar bendito em que o Senhor nos colocou.

Cônsua deste afecto sincero e recíproco, a rapariga deve conquistar a

(Continua na 2.ª página)



NA FATIMA — São tantos os homens que desejam confessar-se, que, com tempo bom é preciso vir atendê-los ao ar livre.

O ARAUTO DA VIRGEM

Quando em terras de Além Mar os nossos Missionários iam outrora lançar a semente do Evangelho na terra virgem das grandes nações gentílicas uma das primeiras coisas que procuravam era criar na alma dos novos cristãos um fervoroso amor à Mãe de Deus.

A África, a Índia, a China e o Japão, sem falar no Brasil, são disso a prova real.

Um dia veio a perseguição. Correu por terra o sangue dos mártires. O Missionário foi expulso.

Ao partir deixava o aviso de que não aceitassem a prègação senão nestas condições: que o Missionário guardasse o celibato, que obedecesse ao Papa e que fôsse devoto de Maria Santíssima.

E assim se conservou a fé nalgumas terras por espaço de três séculos.

Como outrora, Portugal é ainda hoje o grande arauto da Virgem cujas glórias vai cantando através do mundo.

Neste ano centenário cada família vai dar em sua casa um lugar de destaque à imagem ou estampa de Nossa Senhora entronizando-a com a maior solenidade.

Já se começa aqui e além. É preciso acarinhar esta ideia e realizá-la.

Mãe de Deus e mãe nossa, Rainha dos Portugueses, Nossa Senhora da Fátima bem merece esta homenagem de amor filial — tradição gloriosa dos nossos maiores.

Migalhas de doutrina Penitência ou Confissão

Duas circunstâncias fazem singularmente apreciável este sacramento:

1.ª — Instituí-lo Nosso Senhor Jesus Cristo logo depois da sua Paixão, e portanto indicando que era fruto ou lucro alcançado à custa de muitos sofrimentos seus.

2.ª — O ter sido instituído no dia de Páscoa, como a indicar a alegria e paz que ele havia de dar às almas que dele se aproveitassem.

Porque é que este sacramento se chama ora Penitência ora Confissão?

— Porque tanto a Confissão de nossos pecados como a penitência que nos dá o Confessor são partes essenciais deste Sacramento.

Porque é que nem todos os sacerdotes podem confessar, tendo todos recebido esse poder no dia da sua ordenação?

— Porque para confessar é preciso além do poder do Sacramento da Ordem outro poder, chamado de jurisdição ou licença, que é dado pelo Bispo depois da cerimónia da Ordenação.

Quais são as partes do sacramento da Penitência?

— São 4: a *contrição*, *confissão* e *satisfação* (ou *penitência*) da parte do penitente; e *absolvição* da parte do sacerdote.

Qual é a coisa em que o penitente há-de pôr maior cuidado?

— É na *contrição* ou arrependimento de seus pecados com propósito de se emendar; porque, se não levar esta disposição, o sacramento nada vale.

Que diferença há entre confissão nula e confissão sacriliga?

— Confissão nula quer dizer que não houve sacramento ou o sacramento não foi recebido por falta de disposição no penitente. Confissão sacriliga, indica que este sacramento foi recebido mal por culpa do penitente; ou porque não levava a *contrição*, isto é não estava arrependido; ou por calar algum pecado grave.

Por onde se deve fazer o nosso exame de consciência?

— Pelos Mandamentos da Lei de Deus e da Santa Igreja e obrigações do nosso estado.

Quanto tempo se deve demorar neste exame?

— Conforme o tempo que há que se não confessa.

1.º) Quem se confessa todas as semanas, basta-lhe meio quarto de hora.

2.º) Quem se confessa todos os meses basta-lhe um quarto de hora.

3.º) Quem se confessa cada três meses ou cada ano, precisa de mais tempo.

4.º) Quem apesar deste exame se não souber confessar, peça ao confessor que o ajude.

5.º) Quem faz exame de consciência todos os dias bastam-lhe poucos minutos para se preparar para a confissão.

N. B. — *Recomenda-se aos pais e aos catequistas que ensinam os filhos e discípulos a examinar-se e confessar-se, sem ser preciso o auxílio do confessor, para assim se poupar tempo e incómodo, que, sendo muitas as crianças, é muito grande. É esta uma das maiores faltas que há entre nós.*

Que frequência se recomenda neste sacramento?

— A Santa Igreja, obrigando ao menos uma vez por ano, indica que deve ser mais vezes.

O Sagrado Coração de Jesus prometendo uma boa morte aos que comungassem nove meses seguidos deu a entender que desejava este hábito da *confissão mensal*.

É a experiência mostra que quem assim se confessa traz as suas contas regularizadas com Deus.

Porque é que se faz tanta guerra a este sacramento?

— Porque é o que mais contraria o nosso amor próprio e nos faz andar à vontade de Deus.

Aqui está o segredo da felicidade pessoal; porque, só quem anda à vontade de Deus se sente verdadeiramente feliz.

Aqui está o segredo da felicidade

de uma família; porque ela foi instituída por Deus e a cada membro impôs este Senhor os seus deveres.

Aqui está até o segredo da *felicidade de toda a sociedade*; porque a *Autoridade* nela tem de Deus todo o seu valor; e só cumprindo cada membro as leis justas que a *Autoridade* lhe impõe é que essa sociedade poderá prosperar e ser verdadeiramente feliz.

A quem é que o confessor não pode perdoar os pecados?

1.º) Aos que não sabem e não querem aprender a Doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo.

2.º) Aos que não se mostram arrependidos e dispostos a emendar-se.

3.º) Aos que não querem restituir os bens alheios, e o bom nome que tiraram ao próximo.

4.º) Aos que não estão dispostos a perdoar as injúrias aos seus inimigos.

5.º) Aos que vivem amancebados ou divorciados.

6.º) Aos que não querem pôr em prática os meios indispensáveis para emendarem maus hábitos contraídos.

7.º) Aos que não querem deixar as ocasiões próximas de pecado.

Peregrinação de Fevereiro, 13

(Continuação da 1.ª pag.)

não tendo havido a mais pequena nota desagradável.

Ao meio dia rezou-se colectivamente o terço do Rosário, conservando-se a multidão apinhada em frente da capela das aparições. Seguiu-se a primeira procissão com a veneranda imagem de Nossa Senhora da Fátima. Depois, no altar do Pavilhão, o rev. P.º Higino Lopes Pereira Duarte, pároco da Marinha Grande, celebrou a Missa dos doentes que foi cantada em cumprimento dum voto feito na América do Norte por um devoto de Nossa Senhora da Fátima. Ao Evangelho subiu ao púlpito e fez uma homilia apropriada às circunstâncias o rev. P.º Arnaldo de Magalhães, S. J., que durante muitos anos exerceu o cargo de director espiritual do Seminário de Leiria. Este distinto sacerdote, tão piedoso como ilustrado, foi um dos obreiros espirituais que mais trabalharam e se sacrificaram no Santuário de Nossa Senhora da Fátima, aonde, durante a sua estada na sede da diocese, ia todos os meses passar os dias 12 e 13, ouvindo de dia e de noite, com um zelo incansável, as confissões dos peregrinos.

A obediência destinou-lhe há um ano novo campo para o exercício da sua actividade inteligente e profícua.

Foi também o rev. pároco de Marinha Grande que oficiou ao *Tantum ergo* e deu a bênção individual aos vinte doentes inscritos que ocupavam as primeiras bancadas do Pavilhão e a bênção geral.

Cêrca das duas horas da tarde, terminaram os actos oficiais com a segunda procissão, a cerimónia do Adeus e o acto da consagração a Nossa Senhora.

Logo em seguida os peregrinos começaram a retirar-se para as suas terras, ficando momentos depois a Cova da Iria completamente deserta.

Visconde de Montelo

Meditando na guerra

(Continuação)

Assistência Pública de Paris. Exemplar chefe de família, o seu lar foi enriquecido por Deus com onze esperançosos «rebentos». Sete deles seguiram já a carreira das armas, antes da guerra estalar. O oitavo — um rapaz de 19 anos — suspendeu os estudos para se alistar voluntariamente como defensor da Pátria.

E a bem dizer são dez os filhos do dr. Biçou que combatem pela França. O nono — missionário na Costa do Marfim — chegou a estar mobilizado, mas o Ministro das Colónias entendeu que os missionários já combatem «o bom combate» e deixou-o em paz, entregue ao seu labor apostólico. E o décimo — a única filha do seu «ranchinho» — deixou o curso de artes, para se juntar à já legião de mulheres francesas que trabalham na preparação de artigos necessários aos soldados e na assistência a milhares de criancinhas que a guerra atirou para os braços da miséria e, quiçá, da orfandade.

Famílias como esta, escrevem, para sua honra, epopeias de patriotismo e bem merecem as bênçãos de Deus e da Pátria.

E a França que tantas responsabilidades tem, perante Deus e os homens, neste capítulo de famílias numerosas, mas que agora procura resgatar o seu triste passado, com a publicação do seu magnífico «Código da Família», há-de, para sempre, exaltar a memória deste lar que, fecundo em almas para Deus, tantos braços, na hora do sacrifício, emprestou à Pátria.

MÃI DE 5 FILHOS SEMPRE EXHAUSTA

Agora feliz e bem disposta como uma rapariga

Uma mãe de cinco crianças tem muito que fazer. Mas aquela a que nos referimos estava sempre exausta, até que Kruschen interveio, acabando com este estado deplorável. Já se levanta às 5 horas da manhã, fresca e bem disposta.

Diz que a compra dos Sais Kruschen é a melhor aplicação que tem dado ao seu dinheiro, pois representam saúde. Antes de tomar Kruschen estava sempre cansada e deprimida. Hoje trata dos filhos e, às 6 1/2 da manhã, vai para o campo trabalhar.

A falta de forças e a fadiga podem ser atribuídas a uma causa primária — a preguiça dos órgãos internos — que dá lugar a acumulação de matérias fecais e venenos.

Os Sais Kruschen são o remédio natural para manter a limpeza interna. Os seis sais de que Kruschen se compõe estimulam os órgãos internos, fazendo com que eles trabalhem suave e regularmente. Assim o organismo ficará livre das impurezas que, acumuladas, lhes estragarão a saúde. Kruschen vende-se em todas as farmácias.

LÍRIO ENTRE ABROLHOS

(Continuação)

confiança dos irmãos para que, tornando-se sua confidente, possa servir-lhes de sensata conselheira na escolha de divertimentos, de companhias, e até da própria noiva. O afecto de irmã pode sem dúvida, em muitos casos, se ela se souber fazer respeitar, transformar-se em amparo moral, em estímulo a um proceder mais elevado e mais nobre de muitos rapazes.

Moss.

JACINTA — o melhor presente para crianças

Vida da pequenina vidente da Fátima de que já se venderam mais de 10.000 exemplares.

Pelo correio 6\$00.

Leia-o, compre-o e ofereça-o.

Pedidos ao Santuário da FÁTIMA ou à Gráfica de LEIRIA

PALAVRAS MANSAS

Beato João de Brito

Dizem-me que se promove activamente a canonização deste servo de Deus, mártir da fé cristã em terras do Oriente.

Como nós temos andado esquecidos do que fomos, no serviço de Deus, por esse mundo em fora!

João de Brito morreu em 1693, num dia radioso e bendito, que ainda hoje ilumina a história de Portugal. Se fôsse doutro país, da França por exemplo, a sua canonização não iria além do segundo quartel do século dezoito. Seria uma causa maior, que havia de interessar por igual a devoção religiosa e a devoção patriótica. Mais um santo: mais uma razão de influência e de prestígio no mundo.

Entre nós é o que se tem visto: desleixo e esquecimento. Mau sintoma. Vive-se assim, vai-se vivendo; mas não se serve eficazmente uma civilização nem se continua uma História...

Só volvidos anos e anos sobre a morte de João de Brito, se procura, com um zelo aliás edificante, obter-lhe a honra plena dos altares. É o caso de se dizer: antes tarde do que nunca. Pôr em relêvo, no maior e mais impressionante relêvo, este grande valor moral, o mesmo é que pôr a luz sobre o candelabro, para que ela alumie a nação toda, o mundo todo.

Deve também dizer-se, porque a verdade assim o manda, que a política religiosa de Pombal e dos homens de 34, nefasta e demolidora, era inclinada a criar dificuldades de intolância legal e de ambiente a esta canonização. A Igreja, para eles, quasi nunca foi a Igreja santa, mãe de santos, eternamente fecunda.

João de Brito deu tudo por tudo — o mundo por Deus, a terra pelo céu. Deu-se inteiramente a Cristo, num apostolado em que houve sempre o gosto do sacrifício e a avidez do mártirio.

Vocação de toda a alma, de to-

do o ser, cada vez mais ardente, clara e dominadora. Vocação que falava mais alto do que a família com as suas tradições e o rei com as suas prerogativas.

Conhecendo muito de perto e bem os santos de Portugal, João de Brito seguiu o caminho dos que subiram mais alto e foram realmente mais longe — o caminho da fé e do mártirio. Como que se ouve Cristo a dizer-lhe: toma heróicamente a tua cruz e segue-me e morre por mim nessa cruz...

Deu-se inteiramente a Deus, que, por ser quem é, houve por bem restituí-lo à pátria e à família mais alto, prestígio e belo...

Cristo revê-se nos seus mártires. Quando a morte enfim, os liberta de humilhações e tormentos, tomados carinhosamente nos braços, diz um santo, beija-lhes as feridas e como que procura reanimá-los junto do seu coração. Felizes, radiosamente felizes os que têm na morte o presentimento desta infinita ternura.

O governo português deve mostrar em Roma o seu interesse por ela. Não lhe pode ser indiferente a consagração definitiva e mundial dum dos maiores valores da nossa terra.

João de Brito é incontestavelmente uma das figuras mais puras, representativas e belas do Portugal restaurado. É dos que voltam, no centenário, venerados e benditos.

Rezemos pela sua canonização. A intercessão de João de Brito, que já senti perto de mim, é hoje, sobretudo em Portugal, singularmente poderosa.

— Ó meu Deus, rezou um dia Lacordaire, no púlpito de Notre Dame, ó meu Deus, dai-nos santos! Outrora tivemos tantos e hoje não temos nenhum. Senhor, Senhor, fazei que das cinzas de uns renasçam outros!

Rezemos pela canonização. Precismos muito de santos.

Correia Pinto

ÚLCERA CAUSADA POR INDIGESTÕES

Um doente que experimentou todos os remédios

Nem sempre é prudente não ligar importância a dores de estômago. Se a princípio apenas significam «uma leve indisposição», bem de pressa podem ser sintomas de padecimentos sérios.

O caso que vamos relatar é típico: — Em 1924 foi operado de uma úlcera gástrica — 5 semanas no hospital. Em 1928, novamente no hospital durante mais nove semanas, para tratamento de uma gastrite, tendo apenas conseguido ligeiras melhoras. Em 1930 nova operação, seguida de dieta rigorosa, durante oito anos, tendo primeiro experimentado todos os remédios sem resultado. Há poucos meses um amigo deu-lhe um pacote de Pastilhas Rennie, aconselhando-o a tomá-las. Depois de duas doses, verificou que se sentia muito melhor e que não era atormentado pelas dores, depois das refeições. Hoje come de tudo, cuidadosamente, bem entendido, mas não sente dores.

As Pastilhas Digestivas Rennie actuaem de três maneiras diferentes: contêm *anti-ácidos* que neutralizam a acidez do estômago; *absorventes* que reduzem os gases; e *fermentos* que auxiliam as digestões. Rennie dissolve-se na bôca. Os seus componentes entram em actividade com toda a sua força que não é diminuída pela água. As Pastilhas Rennie vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100.

IMPERIO CRISOS AVIZ
FABRICA TRIUNFO
J. JOÃO DA MADEIRA

Não compre um chapéu qualquer!
Procure saber a que compra...

IMPÉRIO CRISOS AVIZ
são marcas de inteira confiança

A venda nas seguintes casas:

Lisboa — Camisaria Moderna — Rossio, 110; Camisaria Confiança — Rua Augusta, 284; J. Nunes Corrêa & C., Lda — Rua Augusta, 250; Chapelaria Júlio César dos Santos — Largo do Corpo Santo, 12; Camisa d'Ouro — Praça do Brasil, 15-A; Chapelaria Phoenix — Rua de Alcantara, 43; Marques & Antunes — Rua da Graça, 89; Chapelaria Confiança — Rua da Misericórdia, 145; Grandes Armazens do Chiado. **Porto** — Chapelaria Cassiano A. da Silva — Rua de Cedofeita, 38; Camisaria Confiança — Rua de Santa Catarina; Chapelaria Cassiano — Rua de Cedofeita, 54; Chapelaria Imperial — Rua Mártires da Liberdade, 54-55 e nas principais localidades do país.

Graças de N. S. da Fátima Bem os conheço...

NO CONTINENTE

D. Guilhermina de Matos Dias — Alvega, manifesta aqui o seu agradecimento a Nossa Senhora da Fátima pelo auxílio extraordinário que lhe dispensou em circunstâncias bem graves da sua vida motivadas por um parto difícil em que estivera em serio perigo a sua vida e a do ente que estava para nascer.

José dos Santos Moura — Alvega, diz ter tido uma doença gravíssima de que conseguiu libertar-se devido à protecção de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Herculano Augusto de Lemos — Souto Maior, pede aqui seja publicada a cura de Maria de Deus da Rosa que, com uma ferida agravada, numa perna, esteve em perigo de vida. Diziam-lhe os médicos que só no Hospital poderia tratar-se. Como não podia para lá ir, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e obteve em sua casa a cura rápida e completa do seu mal.

D. Maria Isabel da Rocha Baptista — Ribeirado, escreve dizendo o seguinte: «Vendo-me atacada de uma aflicção no coração, o que muito me fazia sofrer, e, depois de tomar vários remédios sem resultado algum, recorri à Santíssima Virgem da Fátima prometendo, se me curasse, publicar a graça da cura na «Voz da Fátima». Como já me sinto bem, envio uma esmola pedindo o favor de me publicar no jornalzinho «Voz da Fátima» esta grande graça, pela qual rendo mil graças à minha boa Mãe do Céu».

D. Rosalina Rodrigues Amaral — Povoação — Bairro da Caridade, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura de um sofrimento que tinha nos pés que a impossibilitava de se calçar. Invocada a protecção de Nossa Senhora da Fátima, obteve a cura de que necessitava.

D. Maria Terésa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, tendo obtido uma graça em favor de uma pessoa muito íntima, vem aqui agradecer tão grande favor.

D. Maria Benedita de Sampaio Sequeira — Valpaços, diz ter recebido uma graça cuja concessão deve à Nossa Senhora da Fátima, e reconhecida por esse obséquio deseja manifestar aqui a sua gratidão.

D. Palmira da Silva Pinto — Ribeirão, esteve desenganada dos médicos por se encontrar gravemente doente. Invocada em seu auxílio a protecção de Nossa Senhora da Fátima, com grande alegria sua e dos seus, recuperou a saúde, por cujo favor se confessa muito agradecida a Nossa Senhora da Fátima.

D. Maria Joaquina de Araújo — Braga, alcançou por intermédio de Nossa Senhora da Fátima a cura de um seu filho que esteve, diz, em perigo de vida chegando a ser desenganado pelos médicos de recuperar a saúde. Agradecida a Nossa Senhora da Fátima por tal favor, aqui deixa o seu reconhecimento público a tão boa e compassiva Mãe.

D. Maria dos Anjos Santos — Ilhavo, diz ter recebido uma graça por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, a cujo Santuário veio, com seu marido, agradecer tal favor. Como prometera, deseja também agradecer publicamente esta graça na «Voz da Fátima».

O Rev. Pároco de Aradas, escreve dizendo o seguinte: «Zulmira de Jesus Ferreira, de 54 anos de idade, casada com António Pinho, residente na freguesia de Aradas — Aveiro, vem reconhecidamente proclamar a protecção de N. S. da Fátima, numa doença de estômago, que o seu médico assistente diagnosticou, como sendo uma úlcera, da qual sofria, havia já 6 anos, e lhe causava grande mal-estar, muitas dores, e a impossibilidade de alimentar-se. Há quatro anos, porém, sentindo-se gravemente doente,

pediu os Sacramentos. Sabendo disto, uma pessoa sua amiga, fez a Nossa Senhora da Fátima a promessa de mandar publicar a graça da cura, se a Nossa Senhora aprovesse dar-lha.

A verdade é que, desde o tempo em que foi sacramentada, começou a sentir-se muito melhor, de tal modo que, de então para cá, nunca mais sentiu dores, come bem, anda bem disposta, e pode trabalhar como antes de ser doente. Em suma, sente-se curada, e julga dever esta cura a uma graça que Nossa Senhora lhe fez, e que, para glória da Mãe do Céu, vem publicar neste jornal».

D. Rita da Costa Reis Sampaio — S. Martinho — Trofa, agradece reconhecidamente a Nossa Senhora da Fátima a graça de uma cura alcançada por sua Maternal intercessão junto de Deus.

D. Maria das Dores d'Orey Pereira Coutinho — Campolide, agradece à Santíssima Virgem Nossa Senhora da Fátima uma graça muito grande que, por sua intercessão, alcançou.

Manuel Lopes, R. Cândido dos Reis — Braga, e sua esposa, escrevem pedindo a publicação do seu agradecimento a Nossa Senhora da Fátima por lhes ter concedido a graça do seu 4.º filhinho nascer com vida e saúde, o que não acontecera aos 3 primeiros que já haviam tido.

D. Carlota Amorim — Moreiras, vem agradecer a cura de um seu filho que durante 3 meses sofreu gravemente. Desenganados pelos médicos, recorreram à Nossa Senhora da Fátima e obtiveram a saúde desejada.

EM SINGAPURA

Incluo uma pequena esmola para N. S. da Fátima pelo bom resultado do concurso de um meu amigo. Ambos fizemos uma novena. Creio bem que foi N. S. da Fátima que me alcançou esta graça para o meu amigo.

Gracias, muitas graças sejam dadas a N. S. da Fátima e seja conhecido o Seu Nome e louvado por todo o mundo.

J. M.

NA CALIFÓRNIA

Joaquim Junqueira Avila, manifesta o seu reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima por muitas graças que tem recebido e especialmente pela cura de seu filho que se curou sem operação como o médico afirmava ser necessário.

L. Freitas, agradece a N. S. da Fátima dois grandes favores que lhe concedeu e a sua mulher.

Manifestam a sua gratidão a Nossa Senhora

D. Maria José H. Pestana — Olhão, pela cura de seu filho que sofria, diz, de uma doença muito perigosa.

D. Joaquina Maria Rodrigues de Jesus — Paradelia de Monforte, pela sua cura, pois, diz, estivera em grave perigo de vida motivado por uma febre intestinal e uma pneumonia.

D. Adelaide Côrte Real Fonseca — Vale de Prazeres, pela cura de uma grave infecção que seu filho Ivo tivera na mão direita, e por outras graças concedidas a sua família.

Angelo P. Nascimento — Pôrto, por uma graça particular muito importante e de que muito carecia.

D. Aurora Martins — Coimbra, agradece um grande favor recebido.

D. Joana Lopes de Sando — Guimarães, por ter obtido o despacho favorável de duas graças particulares.

Para a Consagração das famílias a Nossa Senhora da Fátima

vende o Santuário da Fátima formosíssimas gravuras de Nossa Senhora a 5\$00 e mais pequenas a 2\$50 ambas em cartolina, próprias para emoldurar.

Pedidos à Gráfica — Leiria ou ao Santuário da Fátima.

D. Rosa Maria de Sousa Aquino — Braga, por uma graça que lhe fôra concedida em ocasião de grande dificuldade.

D. Maria Rita Pereira da Cunha — Castelo de Portozelo, por uma graça temporal que obtivera de sua Maternal intercessão junto de Deus.

Salvador Rodrigues de Oliveira — Chaves, pela cura de sua irmã que sofria de violentas dores nas vias urinárias com prováveis complicações na opinião dos médicos que a tratavam.

D. Maria Vitorina Mendes — Casével, pelo desaparecimento de umas impigens de há anos rebeldes a todo o tratamento e cujo desaparecimento obteve depois de uma novena e aplicações de água do Santuário.

D. Maria da Assunção Gomes — Casével, pela cura de Mariana Marques que sofria de peritonite tuberculosa, encontrando-se hoje perfeitamente bem.

P.º António Correia de Escobar — Ribeirinha, por 3 graças concedidas a três dos seus paróquianos.

D. Maria Rodrigues do Amaral Dutra — Ribeirinha, pela cura de uma pessoa da sua família, tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima e usado por várias vezes da água do seu Santuário.

BIBLIOGRAFIA

Considerações sobre a Velhice

pelo Prof. Doutor J. A. Pires de Lima, Director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto.

O distinto Professor sr. dr. Pires de Lima que tem ilustrado a «Voz da Fátima» com os seus valiosos artigos. — Fala um Médico — tão apreciados pelos nossos leitores, acaba de publicar as suas interessantes — Considerações sobre a velhice.

Foi o assunto duma conferência na Associação dos Estudantes Católicos do Pôrto e dela o sábio Professor reproduziu na «Voz da Fátima» um excerto no número de 13 de setembro de 1939 sob o título «Pobres velhos».

Consolações aos mais idosos e salutaros conselhos aos novos encontram-se neste trabalho que por todos devia ser lido.

Portugal em Roma

pelo P.º José de Castro

Monsenhor José de Castro, consultor eclesiástico da Legação de Portugal junto da Santa Sé acaba de publicar um trabalho cheio de interesse sobre as relações de Portugal com a Santa Sé.

Ao passo que se vão desenvolvendo os estudos históricos revelam-se com mais esplendor os feitos dos portugueses no mundo.

É digno de ler-se este livro e assim o recomendamos aos leitores da «Voz da Fátima».

MISSAS

com vinho ordinário? Não. Vinho óptimo, tipo comum e doce vende-se

António de Oliveira

ALDEIA NOVA — NORTE

Este número foi visado pela Censura

— Ora viva o sr. P.º Alberto que é o rei dos homens! Gritou o Fontes de uma roda de feirantes.

— Boa tarde rapazes respondeu o pároco que passava já ao desmanchar da feira.

— Então bons negócios, hein? — Nem por isso, nem por isso... Está tudo muito mau, disseram todas à uma.

— Infelizmente assim é. O dinheiro levou sumigo nos nossos dias.

— Ora não se chore, Sr. P.º Alberto, tornou o Fontes, cá as corças estão ao abrigo do céu...

— Estás enganado, meu amigo: quando a raposa anda aos grilos, mal dela pior dos filhos. O padre vive das migalhas da caridade dos fiéis, e, quando a miséria põe a mesa, o mau bocão é para todos. Mas sempre é verdade que me não inquieto senão em ver sofrer os que não têm; porque, quem vive para Deus e confia nele, nunca um pedaço de pão duro lhe há-de faltar.

A minha fome e a minha sede é de ver o mundo melhor. Mas o negócio das almas está muito mau também.

— Sim... sim... responderam alguns, encolhendo os ombros despreocupados.

— Meus amigos, as almas hoje em dia vendem-se por pouco e não dão ganho nenhum a Deus que tantas despesas fez com elas. Por elas deu tudo quanto tinha: sangue, vida, até a si mesmo inteirinho em Alma e Divindade. Vão no fim as almas e vendem-se ao demónio. Por quanto? Por umas bugigangas bem velas...

— O rapazes, eu vou dizer uma coisa e aqui o sr. P.º Alberto desculpa: se há tão pouca crença no mundo os padres é que têm a culpa.

Isto disse o Fontes escamado, batendo com o junco ferrado no chão enquanto os outros sorriam de malícia.

— Mas então que queres tu? Eles pregam, ninguém os ouve; chamam os maus ao bom caminho, não fazem caso. Que não-de fazer?

— Pois sim!... São todos uns safados... Olhe, como aquê prior da nossa freguesia que eu não posso ver nem pintado. Cá padres não me derretem as entranhas! Boto de fora, bem visto, cá o nosso P.º Alberto e mais uns dois ou três, gente de outro pano, cá da nossa peça.

Fôssem todos como estes e lobos me comam se o mundo não levasse uma volta!

— A começar por ti, que há um por de anos nem missa nem comunhão?...

— Eu sei lá! Se sentisse a morte a ramalhar à volta e visse um prior cá dos meus à cabeceira era capaz...

— Mas vamos lá. Quem fala assim parece estar muito agravado dos padres. Pode haver alguns que não cumprem o seu dever e eu serêi um deles. Mas, vamos, a justiça não se fez só para o outro mundo. Que mal te fizeram eles?

Os da roda descansavam sobre o junco fincado nos sovacos contentes e curiosos de ver se o Fontes saía da quele teima tão airoso como quando pegava no pau para varrer uma feira.

— Eh! Fontes valentão, defende lá esse traço!... Disseram-lhe por troça para lhe fazer subir o sangue à cabeça.

— Mal a mim, nenhum, que eu fujo deles como diabo da cruz. Mas tenho ouvido dizer e já li até em letra redonda com estes dois que a terra há-de comer. Olha que lêria!

— Olha lá e tu não tens inimigos? Não tens também quem diga mal de ti?

— Não lhe reste dúvida. Mas deixe estar que este fusinho fala mais forte que a língua deles. As cabras os não roam todos enquanto eu tiver braços para malhar.

— Eu mesmo tenho ouvido de ti coisas abrasadoras. Mas porque sempre me trataste como cavalheiro, tenho-te por homem de bem. Os padres nunca te ofenderam, não devias fiar-te em tudo que te dizem. A gente não pode regular-se pela cabeça dos outros que às vezes a têm bem torto de bater com ela nas paredes. Tu bem sabes que se há alguém que te

nha inimigos no mundo são os padres.

— Mas eu também sei o que digo. A gente não vem ao mundo com os olhos fechados. Tenho palmilhado muito chão por esse mundo fora e conheço muito padre.

— Quantos? — Eu sei cá! Uma panca de deles! — Mas quantos? Vamos a contar pelos dedos.

— Olhe: é Você que é um homem para as ocasiões; é o P.º Pinho que tem uma lingua o maganão que não há judeu que se não converta a ouvi-lo. E amigo, então, dos de estalo! É o prior de Rialto que é um santo mas dos valentes; e para estimar um parceiro, seja ele um farru-pilha, está ali um homem!

Mais... mais... e... o... o... E muitos outros!

— Então três homens são assim tanta gente?

— Agora é que ele te matou!... Disseram os de fora.

— Não senhor, conheço muitos mais!

— Vá, ainda não perdi o conto.

— Então: é o prior de Rialto, é você, é o P.º Pinho... e...

— E... acabou-se. Ora aí tens tu: de quantos padres há, conheces apenas três, e estes três são-te dignos da maior consideração.

— É verdade. Nunca tinha reparado nisso.

— Quere dizer: de três sabes tu que são bons, dos outros supões que são maus porque acreditas numa folhaca borrada a tinta, em linguas malvadas e nas conversas da taberna.

Fica sabendo, meu amigo, essas pessoas maldizentes conhecem tanto de padres como tu, ou menos ainda. Quem fala por elas é o diabo que lhe está nos bofes. Todos os padres, afinal, são como estes que tu conheces. Como homens que são, não estarão isentos de qualquer defeito mas não são réus dos crimes de que os acusam.

Agora vê lá, se é a guna aq' padres que te traz afastado da Igreja, estás a ver como és mau para ti sem razão. Agora é Quaresma, é mesmo bom tempo para pôr a vida em ordem.

— Pois então qualquer dia cá venho despejar o saco.

— E. ele que o deve trazer mais cheio que sarrão de pobre em dia de misericórdia, disseram os outros rindo.

— Embora, que a Misericórdia de Deus é muito larga. Cá fico a esperar. Lembra-te que quem tarda não alcança. Até breve.



O ECZEMA QUE NOS ENLOQUECE é sob a pele que se mata, porque é sob a pele e não à superfície, que se encontram os germens que lhe dão origem.

O remédio inglês D. D. D. não se contenta em aliviar o mal, elimina-o. Penetrando profundamente nos poros, atinge e mata os micróbios geradores do Eczema, Dartros, Herpes, Borbulhas, Comichões, etc.. Nenhuma afeção da pele resiste a algumas aplicações do remédio inglês D. D. D.

Representante e Depositário:

António Madureira

Rua Heróis de Chaves, 602 — Telef. 2141 — Pôrto

CRÓNICA FINANCEIRA

Aqui há uns anos comprei num alfarrabista do Porto os cinco volumes da «Nova Floresta» de Bernardes, 1.ª edição, bem encadernada e em perfeito estado de conservação, por um preço que me surpreendeu pela modicidade. Ao chegar a casa, esfolhei os cinco volumes um a um, e ao chegar ao 5.º tomo, reparei que na face interna da capa estavam estes dizeres escritos a tinta: «Quem teria a pachorra de comprar este book?»

Na portada aos dizeres «Nova Floresta ou Sylva de Vários Apothemas» — o mesmo escritor acrescentou uma entrelinha de modo a ler-se o seguinte: «Nova Floresta ou Mata espessa dos maiores exemplares da palavra chotice».

Analizemos esta prosa, reveladora. A palavra **book** é do uso corrente em colégio académico e isto faz presumir, que as **gracinhas** saíram do bestunho de qualquer estudantinho de três ao pataco. O **quem teria a pachorra de comprar**, mostra que não foi o **gracioso** quem comprou o livro, e a **Mata espessa** indica o pouco apreço em que o tinha. E se o estudantinho, não foi quem comprou o **book** foi com certeza quem o vendeu, de contrário não teria vindo parar às minhas mãos, por tão pouco dinheiro.

Veio-me à lembrança este caso quando há dias fui encontrar numa obra recente que deu brado em todo o mundo, o seguinte que passamos a traduzir: «Um grande industrial meu amigo tinha o costume, no tempo da república de Weimar, de reunir em sua casa deputados de todos os partidos. Em 1914, disse-me uma vez com ar descoroçoado: Eu tive ocasião de receber em minha casa a deputada X..., mulher muito simples pertencente à classe operária. Ao passar na minha biblioteca, afagando quasi com ternura a lombada dos meus livros, disse: Não julgue V. que eu lhe invejo as suas porcelanas, protas, iguarias. O que eu lhe invejo, sim, é que V. possa ler tudo isto... O outro dia, continuou o industrial, o chefe do distrito nacional-socialista veio a minha casa e exclamou: «Oh! Que de livros!... Que faz V. de tantos cahamosos? Tempo e dinheiro perdidos! Isto agora não interessa...»

Ao ler esta anedota senti, (mal parece dizê-lo, mas senti...) um grande alívio por ver que o horror aos **books** não é exclusivo da nossa mocidade. A verdade é que alastra por todo o mundo uma onda avassaladora de preguiça intelectual que ameaça arredar para infimo plano os valores intelectuais e artísticos. (Mas esta onda há-de passar, como passam tôdas as ondas... O amor do Verdadeiro e do Belo é inato na alma humana e atrai-a com força irresistível. A mocidade encheu-se de desprezo pela literatura e pela arte, porque há muito já que a literatura e a arte se afastaram do Verdadeiro e do Belo para seguirem o Falso e o Horrível. Desde os fins do século passado, que a grande produção literária e artística se desviou do seu verdadeiro caminho e por isso mesmo perdeu a presa sobre as almas moças despidas de preconceitos.

No dia em que a literatura e a arte deixem de ser aberrações de cérebros delirantes quando não simples formas de explorar os gostos de momento e os vícios da natureza humana, a mocidade voltará a dar apreço aos valores intelectuais do seu tempo e porá um tanto de parte no cinema, o foot-bal e o romance policial com que hoje delira e... embrutece.

É curioso notar que a experiência Coimbra mostra que os estudantes católicos são os menos atingidos por este mal do nosso tempo. O nível cultural do C. A. D. C. é sensivelmente superior ao das restantes agremiações académicas. Das muitas conferências que nesta casa se realizam na roda do ano, têm a ouvir as mais cultas e mais numerosas auditorias que em Coimbra se observa. O melhor público coimbrão é o do C. A. D. C. e é claro que este facto é indício de alto nível cultural.

Ora isto vem em abono do que acima fica dito, porque foram justamente a literatura e a arte católicas as que se mantiveram firmes no seu recto caminho. Voltem a literatura e a arte a procurar sinceramente o Verdadeiro e o Belo e a mocidade seguiu-las-á do novo com a devoção de sempre.

Pacheco de Amorim

A "Ponte" Um quartilho de palhete!

O Jôcista resolvera, por fim, entrar na taberna não sem primeiramente ter levado a mão ao bolso, tateando o terço e premido com amor o Crucifixo. Havia cerca de um quarto de hora que andava ali na rua e passara já algumas cinco vezes pelo passeio em frente com grande regozijo de duas raparigas, muito embonecadas, à janela dum rez-do-chão, que se julgavam objecto de tanta passagem.

Bem diferente, porém, era o género de conquista que Joaquim se propunha nessa altura ou antes que a Providência — que para outros seria simples acaso — parecia querer proporcionar-lhe. Quantas voltas ao miolo dera ele nos últimos três meses para encontrar a «ponte» que lhe permitisse abordar um camarada, então admitido como mecânico na fábrica de tecidos em que trabalhava e que todos tinham como comunista. E naquela noite encontrava-a, sem contar e até bem arredado do caso, porque fora na ocasião em que se estava a preparar para a sua confissão mensal. E, que «ponte» magnífica! Nada menos que a fechadura da grade de uma das portas laterais da igreja paroquial.

O sr. Prior chegara ao pé d'ele e pedira-lhe que não saísse sem ver se conseguia abrir aquela grade em cuja fechadura houvesse qualquer desarranjo e que não poderia, sem grande transtorno, ficar fechada no dia seguinte, domingo.

Joaquim levantou-se imediatamente e imediatamente, numa inspiração, via a sua incapacidade no assunto, como operário tecelão, e a pericia do tal mecânico que tinha a mania das fechaduras, tanto de mais interesse para ele quanto mais antigas e mais intrincadas, não faltando quem atribuisse a essa mania intenções menos honestas.

Era a «ponte» — não havia que duvidar — e o jôcista, com uma benção especial do seu pároco e Assistente, fôra-se em busca do camarada que ele sabia numa taberna mal frequentada. Se ele se sentia capaz de o ir caçar até nos quintos...

Contudo, à aproximação do antro, nauseabundo de fumarda e emanações culinárias e alcoólicas não pudera evitar uma certa hesitação e apreensão, mas dominara-se e fôra perfeitamente calmo que pedira, bebera e pagara o copo de palhete voltando do balcão como se pretendesse sair, correu o olhar pelas mesas à direita e deteve-se num comensal com uma exclamação que ninguém diria não ser de surpresa:

— Ah! Isto é que se chama andar com sorte!
— O que é? inquiriu o mecânico entre curioso e talvez receoso.

Ao mesmo tempo, agudas como setas, cruzavam-se algumas frases:
— Então os filiados da J. O. C. já entram nas tabernas?
— Olha um «menino» da J.O.C.! Cuidado com a lingua!

E uma outra voz, escarminha, envenenada, interpelava o mecânico:
— Bravo, Sebastião! Não te sabia em tão boas relações!
Picado, esquentado já pelo alcool, o mecânico ripostou:

— Dou-me com quem me apetece e ninguém tem nada com isso!
Imperturbável, Joaquim prosseguiu:
— Imagine que andava cá pelo sítio em cata dum serralheiro...

— Aqui não há escravos! gritou um por detrás d'ele.
— Há operários com horário de trabalho, entende? acrescentavam do lado.

— Trata-se duma fechadura muito antiga, interpunha o jôcista, obrigado a levantar um pouco a voz. E como você é entendido no assunto, veja se não foi sorte!

Desconcertados pela serenidade e bom humor de Joaquim e pela atitude do Sebastião — tão diferente do que esperavam — alguns entreolhavam-se calados mas outros resmungavam ainda e, como o mecânico se levantasse, um rapagão na sua frente dizia-lhe insolente:

— Anda!... Vai com ele e lambe-lhe as botas...

Mas ainda a frase não estava terminada e já uma valente bofetada lhe estalava na face. Todos se ergueram, todos vociferavam, brilhavam já navalhas e pistolas e, se não fôsse a manha do taberneiro a coisa daria que falar.

— A polícia... vem aí a polícia, exclamou.
E tudo ficou mudo e quedo à excepção do mecânico e do jôcista que se encontravam já na rua lado a lado.

— É num móvel? foram as primeiras palavras de Sebastião como se só lhe interessasse a fechadura e nada mais se tivesse passado.

— Não... é naquele portão... restos do gradeamento que guarnecia dantes toda a fachada da igreja de Santo António do lado da avenida... sabe?

A palavra igreja o mecânico estremeceu e a última frase que, do rumor da taberna, lhe tinha chegado distinta aos ouvidos voltava-lhe à mente um pouco azamboada:

— Mas como então também o seu amor próprio se revoltava, mascava uma praga e dizia consigo:
— Se pensam que mandam em mim, estão muito enganados... E que tinha que fôsse na igreja?... Acaso tinha medo de párocos e beatas? Teria ele medo da alguma coisa deste mundo ou do outro?

— Vamos buscar a ferramenta, disse resolutivo. É aqui a dois passos...

Uma travessa, depois outra, depois um beco e Joaquim estacava confrangido ao ver entrar o companheiro numa casa de aspecto miserável de onde partiam choros de crianças e uma voz de mulher que ralhava, usando de palavras e expressões a que repugnava associar o nome de mãe.

A chegada de Sebastião o alarido recrudescia, mas ele, sem se lhe ouvir palavra, saía imediatamente com o bernal da ferramenta a tiracolo.

— Vamos, disse simplesmente e como deseioso de se afastar dali.

Examinada a fechadura pelo exterior, forçoso fôra penetrar na igreja e pela porta principal. Sebastião não fez objeção alguma e Joaquim regozijou-se intimamente de que ele não levasse chapéu e não fôsse obrigado sequer ao incómodo de o tirar, mas, entre aborrecer o mecânico por o deter ali uns segundos e omitir uma breve oração diante do Santíssimo Sacramento, não hesitou, avançando a ajoelhar em frente do altar-mor. E, quando se ergueu ficou surpreendido com a expressão do rosto do companheiro que se ficara a observar o movimento de homens junto dum confissionário: alguns jôcistas e, naquele momento, o grupo — para ele bem estranho — formado pelo jovem pároco e um sujeito muito bem pôsto de cabeça toda branca.

Bem desejava Joaquim que a observação e as reflexões por ele naturalmente provocadas se

FALA UM MÉDICO XLV

O REI DAVID

Diz a Escritura Sagrada (I. Reis, XVII) que, em tempos muito antigos a Judeia fôra invadida por um exército de filisteus, comandados por um homem gigantesco, chamado Goliath, que media seis côvados e um palmo de altura e que trazia na cabeça um capacete de cobre e vinha vestido de uma couraça escameada.

Contra o gigantesco guerreiro, armou-se um jovem pastor chamado David, o qual, por não estar afeito, largou a espada e a armadura, pegou no seu cajado e meteu cinco pedrinhas num saco.

Assim apareceu em frente do guerreiro filisteu que lhe dirigiu os mais desprezíveis insultos.

Para mostrar aos seus concidadãos que Deus salva não pela espada, nem pela lança, David tirou do saco uma pedrinha, colocou-a na funda, deu-lhe uma volta e cravou a pedra na testa do gigante, que caiu com o rosto em terra.

Depois, aproximou-se d'ele, arrancou-lhe a espada e decepou-lhe a cabeça.

Desmoralizados pela façanha do pastorzinho, os filisteus debandaram, perdendo a batalha.

Entusiasmado com a proeza de David, o rei chamou-o e deu-lhe a filha em casamento.

São eternamente verdadeiras as palavras da Virgem Maria (S. Lucas, I, 52-53): «Depois do trono os poderosos e elevou os humildes. Encheu de bens os que tinham fome, e despediu vazios os que eram ricos.»

Está a repetir-se a cada passo, a fábula do mosquito e o leão e, quem meditar no poder de Deus, não deve estranhar a prodigiosa resistência da minúscula Finlândia contra a agressão do colosso russo.

Já, a propósito da batalha do Salado, dizia o nosso grande Camões (Lusiadas, Canto III): «Quanto mais pode a Fé que a força humana!»

Quando parece desabar sobre nós uma catástrofe, nunca devemos desanimar, desde que sejamos amparados pela Fé.

Quem escreve estas linhas, esteve, há pouco, deveras preocupado com um grave caso, que muito ameaçava affectá-lo.

Vendo mal encarreada a questão, recorri à Providência, por intercessão de Nossa Senhora da Fátima e tudo se modificou benévola e grande a influência da oração.

Não desesperemos, pois, nas nossas atribuições.

demorassem, mas a prudência mandava que não abusasse: aproximou-se e fez-lhe sinal.

Uma hora mais tarde a fechadura funcionava lindamente e, encerrado o templo, saíram pela porta de grade três vultos que conversavam animadamente, não se cansando o sacerdote de gabar a pericia do serralheiro.

— E agora para casa, não é assim? perguntou aos dois operários.

Sebastião não respondeu e Joaquim, recordando o que ouvira na casa do mecânico e imaginando o que não vira, não se conteve e disse-lhe com affecto:

— Venha ceiar comigo...
E como o outro hesitasse:
— Só assim é que acredito que não fica de mal comigo pela maçada que lhe dei...

Se a entrada na igreja e o falar com um padre, pela primeira vez na sua vida, foram surpresas agradáveis para o pobre Sebastião, a da casa dos pais do jôcista foi bem o *remate* daquela noite que ele jamais deveria esquecer. Como se sentira bem naquele lar tão diferente não só do seu mas de quantas habitações conhecia entre as dos seus companheiros... de ideias «desempeotradas»!

Eis o que as coisas eram na prática!

E lenta mas segura a conversão do mecânico começava e as tempestades eram já mais raras na casita miserável do miserável beco... M. de F.

VOZ DA FÁTIMA

Despeza	
Transporte	2.104.579\$10
Franquias, emb. transportes do n.º 209	4.728\$10
Papel, comp. e imp. do n.º 209 (344.304 ex.)	18.045\$58
Na Administração	100\$00
Total	2.127.452\$78

Donativos desde 15\$00

Emília L. Faria — Idães, 25\$00; José Freitas Lima — Mascoteles, 20\$00; Maria Varela — Lisboa, 15\$00; Manuel Malheiros — V. de Punhe, 20\$; P.º Abílio Mendes — Barreiro, 150\$; Maria S. Barriga — Figueira da Foz, 20\$00; Frank Caetano — Califórnia, 15\$00; Angelina Cabral Rosa — Leiria, 20\$00; Maria L. Freitas — Soure, 20\$00; Maria A. Oliveira — Soure, 20\$00; André Chichorro — Monforte, 20\$00; Inês Sequeira Coelho — Angola, 35\$00; Conceição Marques — Campanhã, 15\$00; Isabel M. Ferreira — Lisboa, 20\$00; Rosa Prazeres Favales — Chaves, 100\$00; Maria R. Silveira — América, 1 dólar; N.º 6910 — América, 1 dólar; Carlos Ferreira Costa — Brasil, 57\$20; Maria Sousa Pinto — Viana do Castelo, 50\$00; Gulomar C. Sousa — Humpata, 20\$; Maria L. — Baía, 100\$00; Maria L. Magalhães — Viana do Castelo, 20\$; P.º Lino Tórrès — ?, 20\$00; Alberto B. Matos — Brasil, 60\$00; Etelvina G. Cardoso — Fundão, 45\$00; M.º do Céu Girão — Sobral, 50\$00; Maria L. Matias — Faial, 50\$00; P.º Manuel N. Silva — Madalena, 50\$00; Aurelindo A. Sousa — S.ª Marta de Penaguião, 50\$00; Lucinda Guerra — Moncorvo, 20\$00; Ana M. Silva — Porto, 20\$00; Júlia Bulcão — Califórnia, 1 dólar; Ana Costa — Porto, 15\$00; Maria da Boa Hora — Cada-

TIRAGEM DA «VOZ DA FÁTIMA» NO MÊS DE FEVEREIRO

Algarve	5.196
Angra	20.108
Aveiro	6.312
Beja	3.548
Brago	84.650
Bragança	12.512
Coimbra	13.899
Évora	5.204
Funchal	16.147
Guarda	12.189
Lamego	12.418
Leiria	15.022
Lisboa	11.882
Portalegre	10.952
Porto	54.244
Vila Real	26.415
Viscu	9.969
Total	329.667
Estrangeiro	3.724
Diversos	10.913
Total	344.304

val, 20\$00; M. P. Rosa — Califórnia, 1 dólar; Francisco P. Serradela — Brasil, 15\$00; Maria Isabel Russo — Cab. de Vide, 26\$00; Manuel Oliveira — América, 1 dólar; Francisco Santos — América, 1 dólar; António Correia — América, 1 dólar; António U. Costa — América, 1 dólar; João Madruga — América, 1 dólar; António Rocha — América, 1 dólar; Carolina Régio — América, 1 dólar; Hermínia Salgado — América, 1 dólar; Jacinto Fernandes — América, 1 dólar; João Silva Frade — América, 1 dólar; Maria Iz. Macedo — América, 1 dólar; Norberto de Sá — América, 1 dólar; César Mirandá — América, 1 dólar; Júlia Costa — América, 1 dólar; Maria Rezen-de — América, 1 dólar; João Perelra — América, 1 dólar.